

Sexta parte

AS TÉCNICAS DO CORPO*

- I. Noção de técnica do corpo
- II. Princípios de classificação das técnicas do corpo
- III. Enumeração biográfica das técnicas do corpo
- IV. Considerações gerais

* Extraído do *Journal de Psychologie*, v. 32, n. 3-4, 1935. Comunicação apresentada à Sociedade de Psicologia em 17 de maio de 1934.

I. Noção de técnica do corpo

Eu digo *as técnicas do corpo*, porque se pode fazer a teoria *da* técnica do corpo a partir de um estudo, de uma exposição, de uma descrição pura e simples *das* técnicas do corpo. Entendo por essa expressão as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo. Em todo caso, convém proceder do concreto ao abstrato, não inversamente.

Quero vos apresentar o que julgo ser um dos setores do meu ensino que não reaparece noutras partes, que é o objeto de um curso de Etnologia descritiva (os livros contendo as *Instruções sumárias* e as *Instruções para uso dos etnógrafos* estão por ser publicados) e que várias vezes já abordei em minhas aulas do Instituto de Etnologia da Universidade de Paris.

Quando uma ciência natural faz progressos, ela nunca os faz no sentido do concreto, e sempre os faz no sentido do desconhecido. Ora, o desconhecido se encontra nas fronteiras das ciências, lá onde os professores “devoram-se entre si”, como diz Goethe (eu digo devoram, mas Goethe não é tão polido). É geralmente nesses domínios mal partilhados que jazem os problemas urgentes. Essas terras a desbravar contêm, aliás, uma marca. Nas ciências naturais tais como elas existem, encontramos sempre uma rubrica desonrosa. Há sempre um momento, não estando ainda a ciência de certos fatos reduzida a conceitos, não estando esses fatos sequer agrupados organicamente, em que se se planta sobre essa massa de fatos o marco de ignorância: “Diversos”. É aí que devemos penetrar. Temos certeza de que é aí que há verdades a descobrir; primeiro porque se sabe que não se sabe, e porque se tem a noção viva da quantidade de fatos. Durante muitos anos, em meu curso de Etnologia descritiva, tive que suportar essa desgraça e esse opróbrio de “diversos” num ponto em que essa rubrica “Diversos”, em etnografia, era realmente heteróclita. Eu sabia perfeitamente que a marcha, o nado, por exemplo, que coisas

desse tipo eram específicas a sociedades determinadas; que os polinésios não nadam como nós, que minha geração não nadou como nada a geração atual. Mas que fenômenos sociais eram esses? Eram fenômenos sociais “diversos”, e, como essa rubrica é um horror, pensei várias vezes nesse “diversos”, ao menos toda vez que fui obrigado a falar disso, de tempos em tempos.

Escusai-me se, para formar diante de vós essa noção de técnica do corpo, vos conto em que ocasiões persegui e como pude colocar claramente o problema geral. Foi uma série de passos consciente e inconscientemente dados.

De início, em 1898, estive ligado a alguém cujas iniciais ainda recordo bem, mas cujo nome esqueci. Tive preguiça de tornar a procurá-lo. Era ele que redigia um excelente artigo sobre o “Nado” para a edição da *British Encyclopedia* de 1902, então em curso. (Os artigos “Nado” das duas edições posteriores não são tão bons.) Ele mostrou-me o interesse histórico e etnográfico da questão. Isso foi um ponto de partida, um quadro de observação. Posteriormente — eu mesmo o percebia —, assisti à mudança das técnicas do nado, ainda no período de nossa geração. Um exemplo nos fará compreender isso imediatamente, a nós, psicólogos, biólogos, sociólogos. Outrora nos ensinavam a mergulhar depois de ter aprendido a nadar. E, quando nos ensinavam a mergulhar, nos diziam para fechar os olhos e depois abri-los dentro d’água. Hoje a técnica é inversa. Começa-se toda aprendizagem habituando a criança a ficar dentro d’água de olhos abertos. Assim, antes mesmo que nadem, as crianças são treinadas sobretudo a controlar reflexos perigosos mas instintivos dos olhos, são antes de tudo familiarizadas com a água, para inibir seus medos, criar uma certa segurança, selecionar paradas e movimentos. Há portanto uma técnica do mergulho e uma técnica da educação do mergulho que foram descobertas em meu tempo. E vejam que se trata claramente de um ensino técnico, e que há, como para toda técnica, uma aprendizagem do nado. Por outro lado, nossa geração, aqui, assistiu a uma mudança completa de técnica: vimos o nado a braçadas e com a cabeça fora d’água ser substituído pelas diferentes espécies de *crawl*. Além disso, perdeu-se o costume de engolir água e de cuspi-la. Pois os nadadores se consideravam, em meu tempo, como espécies de barcos a vapor. Era estúpido, mas, enfim, ainda faço esse gesto: não consigo desembaraçar-me de minha técnica. Eis aí, portanto, uma técnica corporal específica, uma arte gímnica aperfeiçoada em nosso tempo.

Mas essa especificidade é o caráter de todas as técnicas. Um exemplo: durante a guerra pude fazer numerosas observações sobre essa especificidade das técnicas. Como a de cavar. As tropas inglesas com as quais eu estava não sabiam servir-se de pás francesas, o que obrigava a substituir 8 mil pás por divisão quando rendíamos uma divisão francesa, e vice-versa. Eis aí, de forma evidente, como uma habilidade manual só se aprende lentamente. Toda técnica propriamente dita tem sua forma.

Mas o mesmo vale para toda atitude do corpo. Cada sociedade tem seus hábitos próprios. Também durante a guerra tive muitas ocasiões de perceber diferenças de um exército a outro. Uma anedota a propósito da *marcha*. Todos sabeis que a infantaria britânica marcha a um passo diferente do nosso: diferença de frequência, com uma outra duração. Não falo, por enquanto, do balanceio inglês, nem da ação do joelho etc. Ora, o regimento de Worcester, tendo feito proezas consideráveis durante a batalha do Aisne, ao lado da infantaria francesa, pediu a autorização real para ter toques de clarins e baterias francesas, uma banda de corneteiros e de tambores franceses. O resultado foi pouco encorajador. Durante cerca de seis meses, nas ruas de Bailleul, muito tempo depois da batalha do Aisne, vi com frequência o seguinte espetáculo: o regimento conservava sua marcha inglesa e a ritmava à francesa. Tinha inclusive à frente da tropa um pequeno ajudante de infantaria francês que tocava corneta e marcava os passos melhor que os demais. O pobre regimento de nobres ingleses não conseguia desfilar. Tudo era discordante em sua marcha. Quando tentava marchar direito, era a música que não marcava o passo. Com isso, o regimento de Worcester foi obrigado a suprimir os clarins franceses. Com efeito, os toques de clarins adotados de exército a exército, outrora, durante a guerra da Criméia, eram toques de clarim de “descansar”, de “retirada” etc. Assim, vi de forma muito precisa e frequente, não só quanto à marcha mas também quanto à corrida e seus desdobramentos, a diferença de técnicas tanto elementares quanto esportivas entre ingleses e franceses. O padre Curt Sachs, que vive neste momento entre nós, fez a mesma observação. Falou disso em várias de suas conferências. Ele reconhece de longe a marcha de um inglês e de um francês.

Mas essas eram só as primeiras aproximações do tema.

Uma espécie de revelação me veio no hospital. Eu estava doente em Nova York e me perguntava onde tinha visto moças andando como minhas enfermeiras. Eu tinha tempo para refletir sobre isso. Descobri,

por fim, que fora no cinema. De volta à França, passei a observar, sobretudo em Paris, a freqüência desse andar; as jovens eram francesas e caminhavam também dessa maneira. De fato, os modos de andar americanos, graças ao cinema, começavam a se disseminar entre nós. Era uma idéia que eu podia generalizar. A posição dos braços e das mãos enquanto se anda é uma idiosincrasia social, e não simplesmente um produto de não sei que arranjos e mecanismos puramente individuais, quase inteiramente psíquicos. Por exemplo: creio poder reconhecer assim uma jovem que foi educada no convento. Ela anda, geralmente, com as mãos fechadas. E lembro-me ainda de meu professor do ginásio interpelando-me: “Seu animal! Andas o tempo todo com as manoplas abertas!”. Portanto, existe igualmente uma educação do andar.

Outro exemplo: há *posições da mão*, em repouso, convenientes ou inconvenientes. Assim, podeis adivinhar com certeza, se uma criança conserva à mesa os cotovelos junto ao corpo e, quando não come, as mãos sobre os joelhos, que ela é inglesa. Uma criança francesa não se comporta mais assim: abre os cotovelos em leque e os apóia sobre a mesa, e assim por diante.

Sobre a *corrida*, enfim, também presenciei, como vós todos, a mudança de técnica. Imaginem que meu professor de ginástica, um dos melhores formados em Joinville, por volta de 1860, ensinou-me a correr com os punhos colados ao corpo: movimento completamente contraditório a todos os movimentos da corrida; foi preciso que eu visse os corredores profissionais de 1890 para compreender que devia correr de outro modo.

Assim, durante muitos anos tive a noção da natureza social do “*habitus*”. Observem que digo em bom latim, compreendido na França, “*habitus*”. A palavra exprime, infinitamente melhor que “hábito”, a “*exis*” [hexis], o “adquirido” e a “faculdade” de Aristóteles (que era um psicólogo). Ela não designa os hábitos metafísicos, a “memória” misteriosa, tema de volumosas ou curtas e famosas teses. Esses “hábitos” variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, lá onde geralmente se vê apenas a alma e suas faculdades de repetição.

Assim, tudo me reconduzia um pouco à posição tomada por alguns de nós, aqui em nossa Sociedade, a exemplo de Comte: a posição de Dumas, por exemplo, que, nas relações constantes entre o biológico e o so-

ciológico, não reserva muito espaço à intermediação psicológica. E concluí que não se podia ter uma visão clara de todos esses fatos, da corrida, do nado etc., senão fazendo intervir uma tríplice consideração em vez de uma única, fosse ela mecânica e física, como uma teoria anatômica e fisiológica da marcha, ou, ao contrário, psicológica ou sociológica. É o tríplice ponto de vista, o do “homem total”, que é necessário.

Enfim, uma outra série de fatos se impunha. Em todos esses elementos da arte de utilizar o corpo humano os fatos *de educação* predominavam. A noção de educação podia sobrepor-se à de imitação. Pois há crianças, em particular, que têm faculdades de imitação muito grandes, outras muito pequenas, mas todas se submetem à mesma educação, de modo que podemos compreender a seqüência dos encadeamentos. O que se passa é uma imitação prestigiosa. A criança, como o adulto, imita atos bem-sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela. O ato se impõe de fora, do alto, mesmo um ato exclusivamente biológico, relativo ao corpo. O indivíduo assimila a série dos movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros.

É precisamente nessa noção de prestígio da pessoa que faz o ato ordenado, autorizado, provado, em relação ao indivíduo imitador, que se verifica todo o elemento social. No ato imitador que se segue, verificam-se o elemento psicológico e o elemento biológico.

Mas o todo, o conjunto é condicionado pelos três elementos indissoluvelmente misturados.

Tudo isso pode facilmente ser relacionado a outros fatos. Num livro de Elsdon Best, publicado na França em 1925, acha-se um documento notável sobre a maneira de andar da mulher maori (Nova Zelândia). (Não se diga que são primitivos, julgo-os sob certos aspectos superiores aos celtas e aos germanos.) “As mulheres indígenas adotam um certo ‘*gait*’ (a palavra inglesa é deliciosa): a saber, um balanceio solto e no entanto articulado dos quadris que nos parece desgracioso, mas que é extremamente admirado pelos Maori. As mães exercitavam (o autor diz “*drill*”) suas filhas nessa maneira de andar que é chamada ‘*onioi*’. Ouvi mães dizerem a suas filhas (eu traduzo): ‘não estás fazendo o *onioi*’, quando uma menina deixava de fazer esse balanceio.” (*The Maori*, 1, p. 408-9, cf. p. 135.) Era uma maneira adquirida, e não uma maneira natural de andar. Em suma, talvez não exista “maneira natural” no adulto. E com mais ra-

zão ainda quando outros fatos técnicos intervêm: no que se refere a nós, o fato de andarmos calçados transforma a posição de nossos pés; sentimos isso bem ao andarmos descalços.

Essa mesma questão fundamental colocava-se a mim, por um outro aspecto, a propósito de todas as noções relativas à força mágica, à crença na eficácia não apenas física, mas oral, ritual, de certos atos. Aqui me situo mais em meu terreno do que no terreno perigoso da psicofisiologia dos modos de andar, no qual me arrisco diante de vós.

Eis aqui um fato mais "primitivo", australiano desta vez: uma fórmula de ritual de caça e ritual de corrida ao mesmo tempo. Sabe-se que o australiano consegue correr atrás de cangurus, emas, cães selvagens, até deixá-los exaustos. Consegue capturar o opossum no alto de sua árvore, embora o animal ofereça uma resistência particular. Um desses rituais de corrida, observado há já cem anos, é o da corrida ao cão selvagem, o dingo, nas tribos dos arredores de Adelaide. O caçador não cessa de cantar a seguinte fórmula:

*Golpeia-o com o tufo de plumas de águia (de iniciação etc.),
Golpeia-o com o cinto,
Golpeia-o com a faixa de cabeça,
Golpeia-o com o sangue da circuncisão,
Golpeia-o com o sangue do braço,
Golpeia-o com os mênstruos da mulher,
Faç ele dormir etc.¹*

Numa outra cerimônia, a da caça ao opossum, o indivíduo leva na boca um pedaço de cristal de rocha (*kawemukka*), pedra mágica entre todas, e canta uma fórmula do mesmo gênero, e é assim convencido de que pode desaninhar o gambá, trepar e ficar suspenso na árvore pelo cinto, perseguir, pegar e finalmente matar essa caça difícil.

As relações entre os procedimentos mágicos e as técnicas da caça são evidentes, demasiado universais para nisso insistirmos.

O fenômeno psicológico que constatamos nesse momento é, do ponto de vista habitual do sociólogo, muito fácil de perceber e de compreender. Mas o que queremos destacar agora é a confiança, o *momentum* psicológico capaz de associar-se a um ato que é antes de tudo uma

1. Teichelmann e Schumann 1840. Retomado por Eyre, *Journal* etc., II: 241.

proeza de resistência biológica, obtida graças a palavras e a um objeto mágico.

Ato técnico, ato físico, ato mágico-religioso confundem-se para o agente. Eis aí os elementos de que eu dispunha.

* * *

Isso ainda não me satisfazia. Eu via como tudo podia ser descrito, mas não organizado; não sabia que nome, que título dar a tudo aquilo.

Era muito simples, eu só precisava referir-me à divisão dos atos tradicionais em técnicas e em ritos, que considero fundada. Todos esses modos de agir eram técnicas, são técnicas do corpo.

Todos cometemos, e cometi durante muitos anos, o erro fundamental de só considerar que há técnica quando há instrumento. Era preciso voltar a noções antigas, aos dados platônicos sobre a técnica, quando Platão falava de uma técnica da música e em particular da dança, e ampliar essa noção.

Chamo técnica um ato *tradicional eficaz* (e vejam que nisso não difere do ato mágico, religioso, simbólico). Ele precisa ser *tradicional e eficaz*. Não há técnica e não há transmissão se não houver tradição. Eis em que o homem se distingue antes de tudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral.

Peço-vos então a permissão de considerar que adotais minhas definições. Mas qual é a diferença entre o ato tradicional eficaz da religião, o ato tradicional, eficaz, simbólico, jurídico, os atos da vida em comum, os atos morais, de um lado, e o ato tradicional das técnicas, de outro? É que este último é sentido pelo autor *como um ato de ordem mecânica, física ou físico-química*, e é efetuado com esse objetivo.

Nessas condições, cabe dizer simplesmente: estamos lidando com *técnicas do corpo*. O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo. Imediatamente, toda a imensa categoria daquilo que, em sociologia descritiva, eu classificava como “diversos” desaparece dessa rubrica e ganha forma e corpo: sabemos onde colocá-la.

Antes das técnicas de instrumentos, há o conjunto das técnicas do corpo. Não quero exagerar a importância desse tipo de trabalho, trabalho de taxonomia psico-sociológica. Mas já é alguma coisa: a ordem pos-

ta nas idéias, onde não havia nenhuma. Mesmo no interior desse agrupamento de fatos, o princípio permitia uma classificação precisa. Essa adaptação constante a um objetivo físico, mecânico, químico (por exemplo, quando bebemos) é efetuada numa série de atos montados, e montados no indivíduo não simplesmente por ele próprio mas por toda a sua educação, por toda a sociedade da qual faz parte, conforme o lugar que nela ocupa.

Além disso, todas essas técnicas se ordenam muito facilmente num sistema que nos é comum: a noção fundamental dos psicólogos, sobretudo Rivers e Head, da vida simbólica do espírito, noção que temos da atividade da consciência como sendo, antes de tudo, um sistema de montagens simbólicas.

Eu não acabaria nunca se quisesse vos mostrar todos os fatos que poderíamos enumerar para demonstrar esse concurso do corpo e dos símbolos morais ou intelectuais. Olhem para nós mesmos, neste momento. Tudo em nós todos é imposto. Estou a conferenciar convosco; vedes isso em minha postura sentada e em minha voz, e me escutais sentados e em silêncio. Temos um conjunto de atitudes permitidas ou não, naturais ou não. Assim, atribuiremos valores diferentes ao fato de olhar fixamente: símbolo de cortesia no exército, de descortesia na vida corrente.

II. Princípios de classificação das técnicas do corpo

Duas coisas são imediatamente visíveis a partir dessa noção de técnicas do corpo: elas se dividem e variam por sexos e por idades.

1) *Divisão das técnicas do corpo entre os sexos* (e não simplesmente divisão do trabalho entre os sexos). — O assunto é bastante considerável. As observações de Yerkes e de Köhler sobre a posição dos objetos em relação ao corpo e especialmente ao regaço, no macaco, podem inspirar comentários gerais sobre a diferença de atitudes dos corpos em movimento em relação a objetos em movimento nos dois sexos. Sobre esse ponto, aliás, há observações clássicas feitas sobre o homem. Seria preciso completá-las. Permito-me indicar a meus amigos psicólogos esta série de pesquisas. Tenho pouca competência e, de resto, não teria tempo. Tomemos a maneira de fechar o punho. O homem fecha normalmente o punho com o polegar para fora, a mulher com o polegar para dentro; talvez porque ela não foi educada para isso, mas estou certo de que, se a educassem, ela teria dificuldades. O soco, o arremesso do golpe, na mulher, são frouxos. E todos sabem que, ao lançar uma pedra, o arremesso da mulher é não apenas frouxo, mas sempre diferente do do homem: plano vertical em vez de horizontal.

Talvez se trate aqui de duas instruções. Pois há uma sociedade dos homens e uma sociedade das mulheres. Mas creio também que há talvez coisas biológicas e outras psicológicas, a ver. Seja como for, o psicólogo sozinho não poderá oferecer senão explicações duvidosas e precisará da colaboração de duas ciências vizinhas: fisiologia, sociologia.

2) *Variação das técnicas do corpo com as idades*. — A criança se agacha normalmente. Nós não sabemos mais nos agachar. Considero isso um absurdo e uma inferioridade de nossas raças, civilizações, sociedades. Um exemplo. Estive no *front* com australianos (brancos). Eles tinham uma

superioridade considerável sobre mim. Quando interrompíamos a marcha sobre a lama ou poças d'água, eles podiam sentar-se sobre os calcanhares, repousar, e a "inundação", como dizíamos, ficava abaixo de seus calcanhares. Eu era obrigado a ficar em pé com minhas botas, todo ereto dentro d'água. A posição agachada é, em minha opinião, uma posição interessante, que pode ser conservada numa criança. É um gravíssimo erro proibir-lhe. Toda a humanidade, exceto nossas sociedades, a conservou.

Aliás, na série das idades da raça humana, essa postura parece ter igualmente mudado de importância. Todos se lembram que outrora se considerava como um sinal de degenerescência o arqueamento dos membros inferiores. Foi dada uma explicação fisiológica desse traço racial. Aquele que Virchow ainda considerava como um pobre degenerado e que não é senão o homem dito de Neanderthal, tinha as pernas arqueadas. É que ele vivia normalmente agachado. Há portanto coisas que acreditamos ser da ordem da hereditariedade e que são, na verdade, de ordem fisiológica, de ordem psicológica e de ordem social. Uma certa forma dos tendões e mesmo dos ossos não é senão uma consequência de uma certa forma de apoiar-se e firmar-se. Isso é bastante claro. Por esse procedimento, é possível não apenas classificar as técnicas, mas classificar suas variações por idade e por sexo.

Estabelecida essa classificação em relação à qual todas as classes da sociedade se dividem, podemos entrever uma terceira.

3) *Classificação das técnicas do corpo em relação ao rendimento.* — As técnicas do corpo podem se classificar em função de seu rendimento, dos resultados de um adestramento. O adestramento, como a montagem de uma máquina, é a busca, a aquisição de um rendimento. Aqui, é um rendimento humano. Essas técnicas são portanto as normas humanas do adestramento humano. Assim como fazemos com os animais, os homens as aplicaram voluntariamente a si mesmos e a seus filhos. As crianças foram provavelmente as primeiras criaturas assim adestradas, antes dos animais, que precisaram primeiro ser domesticados. Numa certa medida, portanto, eu poderia comparar essas técnicas, elas mesmas e sua transmissão, a adestramentos, classificando-as por ordem de eficácia.

Aqui intervem a noção, muito importante em psicologia e em sociologia, de destreza. Mas, em francês, temos apenas um termo ruim, "*habile*", que traduz mal a palavra latina "*habilis*", bem melhor para de-

signar as pessoas que têm o senso da adaptação de seus movimentos bem coordenados a objetivos, que têm hábitos, que “sabem como fazer”. É a noção inglesa de “*craft*”, de “*clever*” (destreza, presença de espírito e hábito), é a habilidade em alguma coisa. Mais uma vez, estamos claramente no domínio técnico.

4) *Transmissão da forma das técnicas.* — Último ponto de vista: o ensino das técnicas sendo essencial, podemos classificá-las em relação à natureza dessa educação e desse adestramento. E eis aqui um novo campo de estudos: incontáveis detalhes inobservados, e cuja observação deve ser feita, compõem a educação física de todas as idades e dos dois sexos. A educação da criança é repleta daquilo que chamam detalhes, mas que são essenciais. Veja-se o problema da ambidestria, por exemplo: observamos mal os movimentos da mão direita e os da mão esquerda, e sabemos mal como são ensinados. Reconhecemos à primeira vista um religioso muçulmano: mesmo quando tem um garfo e uma faca (o que é raro), ele fará o impossível para servir-se apenas de sua mão direita. Ele jamais deve tocar o alimento com a esquerda e certas partes do corpo com a direita. Para saber por que ele não faz determinado gesto e faz outro, não bastam nem fisiologia nem psicologia da dissimetria motora no homem, é preciso conhecer as tradições que impõem isso. Robert Hertz colocou bem esse problema.¹ Mas reflexões desse gênero e outras podem aplicar-se a tudo que é escolha social dos princípios dos movimentos.

Há razão de estudar todos os modos de adestramento, de imitação e, particularmente, essas formas fundamentais que podemos chamar o modo de vida, o *modus*, o *tonus*, a “matéria”, as “maneiras”, a “feição”.

Eis aqui uma primeira classificação, ou melhor, quatro pontos de vista.

1. Hertz 1909. Reimpresso em *Mélanges de Sociologie religieuse et de folklore*, Alcan.

III. Enumeração biográfica das técnicas do corpo

Uma classificação bem diferente é, não direi mais lógica, porém mais fácil para o observador. Trata-se de uma enumeração simples. Eu havia projetado vos apresentar uma série de pequenos quadros, como os preparam os professores americanos. Vamos simplesmente seguir mais ou menos as idades do homem, a biografia normal de um indivíduo, para dispor as técnicas que lhe dizem respeito ou que lhe ensinam.

1. *Técnicas do nascimento e da obstetrícia.* — Os fatos são relativamente mal conhecidos, e muitas informações clássicas são discutíveis.¹ Entre as boas estão as de Walter Roth, sobre as tribos australianas do Queensland e da Guiana britânica.

As formas da obstetrícia são muito variáveis. No nascimento do menino Buda, sua mãe, Mâya, agarrou-se a um galho de árvore. Ela deu à luz em pé. Uma boa parte das mulheres da Índia ainda fazem assim. Coisas que acreditamos normais, como o parto na posição deitada de costas, não são mais normais que as outras, por exemplo a posição de quatro. Há técnicas do parto, seja por parte da mãe, seja por parte de seus auxiliares; do modo de pegar a criança, da ligadura e corte do cordão umbilical; cuidados com a mãe, com a criança. Essas são questões já bastante consideráveis. Eis algumas outras: a escolha da criança, o abandono dos fracos, a condenação à morte dos gêmeos são momentos decisivos na história de uma raça. Tanto na história antiga como nas outras civilizações, o reconhecimento da criança é um acontecimento capital.

2. *Técnicas da infância.* — *Criação e alimentação da criança.* — Atitudes dos dois seres em relação: a mãe e a criança. Consideremos a criança: a sucção, a maneira de transportá-la etc. A história desse transporte é muito

1. Mesmo as últimas edições do Ploss 1887 (por Bartels etc.) deixam a desejar sobre esse ponto.

importante. A criança transportada junto à pele da mãe durante dois ou três anos tem uma atitude completamente diferente frente a ela do que uma criança não transportada;² ela tem um contato com sua mãe muito diferente que o da criança entre nós. Pendura-se ao pescoço, ao ombro, aos quadris dela. É uma ginástica notável, essencial para toda a sua vida. Assim como, para a mãe, é uma outra ginástica transportá-la. Parecem originar-se aqui, inclusive, estados psíquicos desaparecidos de nossas infâncias. Há contatos de sexos e de peles etc.

Desmame. — Amamentação muito longa, geralmente de dois a três anos. Obrigação de amamentar, às vezes mesmo obrigação de amamentar animais. A mulher demora muito a suspender o leite. Além disso, há relações entre o desmame e a reprodução, interrupção da reprodução até o desmame.³

A humanidade pode perfeitamente ser dividida em povos com berços e povos sem berços. Pois há técnicas do corpo que supõem um instrumento. Nos países com berços situam-se quase todos os povos do hemisfério norte, os da região andina e um certo número de populações da África central. Nestes dois últimos grupos, o uso do berço coincide com a deformação craniana (que talvez tenha graves conseqüências fisiológicas).

A criança após o desmame. — Ela sabe comer e beber; é ensinada a andar; sua visão, sua audição, seu senso do ritmo, da forma e do movimento são exercitados, freqüentemente para a dança e a música.

Ela aprende as noções e os costumes de relaxamento, de respiração. Adota certas posturas, que geralmente lhe são impostas.

3. *Técnicas da adolescência.* — A observar sobretudo no homem. Menos importantes entre as moças, nas sociedades a cujo estudo é destinado um curso de Etnologia. O grande momento da educação do corpo é, de fato, o da iniciação. Imaginamos, em virtude da maneira como nossos filhos e filhas são educados, que tanto uns quanto as outras adquirem as mesmas maneiras e posturas, recebendo o mesmo treinamento em toda parte. Essa já é uma idéia errada entre nós — sendo completamente falsa em povos ditos primitivos. Além disso, descrevemos os fatos como se

2. Começam a ser publicadas observações sobre esse ponto. 3. A grande coleção de fatos reunidos por Ploss, refeita por Bartels, é satisfatória sobre esse ponto.

houvesse sempre e em toda parte algo do gênero de nossa escola, que começa a partir de um momento e deve cuidar da criança e educá-la para a vida. É o contrário que é a regra. Por exemplo: em todas as sociedades negras, a educação do rapaz intensifica-se em sua adolescência, a das mulheres permanecendo, por assim dizer, tradicional. Não há escola para as mulheres. Elas seguem a escola de suas mães e nelas se formam constantemente, para passar, salvo exceções, diretamente ao estado de esposas. Já o rapaz ingressa na sociedade dos homens, onde aprende seu ofício e sobretudo seu ofício militar. Contudo, tanto para os homens como para as mulheres, o momento decisivo é o da adolescência. É nesse momento que eles aprendem definitivamente as técnicas do corpo que conservarão durante toda a sua idade adulta.

4. *Técnicas da idade adulta.* — Para fazer um inventário destas, podemos seguir os diversos momentos da jornada em que se repartem movimentos coordenados e pausas.

Podemos distinguir o sono e a vigília, e, na vigília, o repouso e a atividade.

1) *Técnicas do sono.* — A noção de que deitar numa cama é algo natural é completamente inexata. Posso vos dizer que a guerra me ensinou a dormir em toda parte, sobre montes de seixos, por exemplo, mas que jamais pude mudar de leito sem ter um momento de insônia: somente no segundo dia eu podia adormecer depressa.

O que é muito simples é que podemos distinguir as sociedades que nada têm para dormir, exceto “o chão duro”, e as outras que se valem de um instrumento. A “civilização de 15° de latitude”, de que fala Graebner,⁴ caracteriza-se, entre outras coisas, pelo uso de um apoio para a nuca, para dormir. Esse objeto é geralmente um totem, às vezes esculpido com figuras agachadas de homens, de animais totêmicos. — Há os povos com esteira e os povos sem esteira (Ásia, Oceania, uma parte da América). — Há os com travesseiros e os sem travesseiros. — Há as populações que se comprimem em roda para dormir, em volta de um fogo, ou mesmo sem fogo. Há maneiras primitivas de se aquecer e de aquecer os pés. Os fueguinos, que vivem num lugar muito frio, só aquecem os pés quando dormem, apenas com um cobertor de pele (guanaco). — Há, enfim, o sono em pé. Os Masai conseguem dormir em pé. Eu mesmo dor-

4. Graebner 1923.

mi em pé, na montanha. Várias vezes dormi montado a cavalo, inclusive em marcha, às vezes: o cavalo era mais inteligente que eu. Os velhos historiadores das invasões nos representam hunos e mongóis dormindo a cavalo. Isso ainda é verdade, e seus cavaleiros adormecidos não detêm a marcha dos cavalos.

Há o uso do cobertor. Povos que dormem cobertos e os que dormem não cobertos. Há a rede e a maneira de dormir suspenso.

Eis aí uma grande quantidade de práticas que são ao mesmo tempo técnicas do corpo, profundas em repercussões e efeitos biológicos. Tudo isso pode e deve ser observado no trabalho de campo; centenas dessas coisas estão ainda por conhecer.

2) *Vigília: Técnicas do repouso.* — O repouso pode ser repouso completo ou simples pausa: deitado, sentado, agachado etc. Tentai vos agachar. Vereis a tortura que vos causa, por exemplo, fazer uma refeição marroquina em conformidade com os ritos. A maneira de sentar-se é fundamental. Podeis distinguir a humanidade de cócoras e a humanidade sentada. E, nesta última, os povos com bancos e os sem bancos e estrados, os povos com assentos e os sem assentos. O assento de madeira sustentado por figuras agachadas é muito comum, fato muito significativo, em todas as regiões a 15° de latitude norte e da linha do equador dos dois continentes.⁵ Há os povos que têm mesas e os que não as têm. A mesa, a “*trapeza*” grega, está longe de ser universal. Em todo o Oriente, usa-se normalmente um tapete, uma esteira. Tudo isso é bastante complicado, pois esses repousos comportam a refeição, a conversação etc. Algumas sociedades fazem seus repousos em posições singulares. Assim, toda a África nilótica e uma parte da região do Chade, até o Tanganika, são povoadas por homens que, nos campos, põem-se como aves pernaltas para repousar. Alguns conseguem ficar num pé só sem ajuda, outros se apóiam num bastão. Eis aí verdadeiros traços de civilizações formados por essas técnicas de repouso, comuns a um grande número, a famílias inteiras de povos. Nada parece mais natural a psicólogos; não sei se eles concordam inteiramente comigo, mas creio que essas posturas na savana se devem à altura das ervas, à função de pastor, de sentinela etc.; elas são adquiridas com dificuldade pela educação, e conservadas.

Há ainda o repouso ativo, geralmente estético; assim, é freqüente mesmo a dança no repouso etc. Voltaremos a esse ponto.

5. Essa é uma das boas observações de Graebner, *ibid.*

3) *Técnicas da atividade, do movimento.* — Por definição, o repouso é a ausência de movimentos, o movimento, a ausência de repouso. Eis aqui uma enumeração pura e simples:

Movimentos do corpo inteiro: rastejar; pisar, andar. *A marcha: habitus* do corpo em pé ao andar, respiração, ritmo da marcha, balanceio dos punhos, dos cotovelos, progressão do tronco adiante do corpo ou por avanço alternado dos dois lados do corpo (estamos habituados a avançar com o corpo todo de uma só vez). Pés para fora, pés para dentro. Extensão da perna. Zombam do “passo de ganso”. É o meio de o exército alemão obter o máximo de extensão da perna, dado que a maioria dos homens do norte, de pernas compridas, gostam de dar o passo mais longo possível. Na falta desses exercícios, um grande número de nós, na França, ficamos cambaios, em maior ou menor grau, do joelho. Eis uma das idiossincrasias que são ao mesmo tempo de raça, de mentalidade individual e de mentalidade coletiva. Técnicas como a da “meia-volta” são das mais curiosas. A meia-volta “por princípio” à inglesa é tão diferente da nossa que é todo um estudo aprendê-la.

Corrida. — Posição do pé, dos braços, respiração, magia da corrida, resistência. Vi em Washington o chefe da Confraria do fogo dos índios hopi, que vinha, com quatro de seus homens, protestar contra a proibição de utilizar bebidas alcoólicas para suas cerimônias. Ele havia andado 250 milhas sem parar. Todos os Pueblos estão acostumados a proezas físicas desse tipo. Hubert, que os conheceu, os comparava fisicamente aos atletas japoneses. Esse mesmo índio era um dançarino incomparável.

Enfim, chegamos às técnicas de repouso ativo, que não dizem respeito simplesmente à estética mas também a jogos do corpo.

Dança. — Talvez tenhais assistido às aulas dos srs. von Hornbostel e Curt Sachs. Recomendo-vos a belíssima história da dança deste último.⁶ Admito a divisão que eles fazem em danças de repouso e danças de ação. Admito menos, porém, sua hipótese sobre a repartição dessas danças. Eles são vítimas do erro fundamental em que vive uma parte da sociologia. Haveria sociedades com descendência exclusivamente masculina e outras com descendência uterina. Umas, feminizadas, dançariam sobretudo sem sair do lugar; outras, de descendência masculina, sentiriam prazer no deslocamento.

6. Curt Sachs 1933.

Curt Sachs classificou melhor essas danças em danças extrovertidas e danças introvertidas. Estamos em plena psicanálise, provavelmente bastante fundamentada aqui. Em verdade, o sociólogo deve ver as coisas de um modo mais complexo. Assim, os polinésios, e os Maori em particular, agitam-se muito, sem sair do lugar, ou se deslocam com força quando têm espaço para fazer isso.

Convém distinguir a dança dos homens e a das mulheres, freqüentemente opostas.

Enfim, é preciso saber que a dança enlaçada é um produto da civilização moderna da Europa. O que demonstra que coisas completamente naturais para nós são históricas. Aliás, elas são motivo de horror para o mundo inteiro, exceto para nós.

Deixo de lado as técnicas do corpo que funcionam como profissões ou parte de profissões ou de técnicas mais complexas.

Salto. — Assistimos à transformação da técnica do salto. Todos fomos ensinados a saltar a partir de um trampolim e, mais uma vez, de frente. Felizmente isso acabou. Atualmente salta-se de lado. Salto em comprimento, largura, profundidade. Salto de posição, salto com vara. Aqui reconhecemos os temas de reflexão de nossos amigos Köhler, Guillaume e Meyerson: a psicologia comparada do homem e dos animais. Não falarei disso. Essas técnicas variam infinitamente.

Escalar. — Posso vos dizer que sou um mau escalador de árvores, um pouco melhor de montanha e rochedo. Diferença de educação, portanto de método.

Um método de escalar com o cinto cingindo a árvore e o corpo é fundamental, em todos os povos ditos primitivos. Mas nós não empregamos esse cinto. Vemos o operário dos telégrafos escalar os postes com seus ganchos e sem cinto. Deveriam ensinar-lhes esse procedimento.⁷

A história dos métodos de alpinismo é notável. Ela fez progressos fabulosos durante minha existência.

Descida. — Nada mais vertiginoso do que ver num declive um Kabyla com seus chinelos. Como ele consegue firmar-se, e sem perder os chinelos? Tentei fazer o mesmo, não compreendo.

Aliás, também não compreendo como as senhoras conseguem andar com seus saltos altos. Assim, há tudo a observar, e não apenas a comparar.

7. Acabo finalmente de vê-lo utilizado (primavera de 1935).

Nado. — Eu vos disse o que pensava disso. Mergulhar, nadar; utilizações de meios suplementares: bóias, pranchas etc. Estamos no caminho da invenção da navegação. Fui um dos que criticaram o livro dos de Rougé sobre a Austrália, mostraram seus plágios, apontaram suas graves inexatidões. Como tantos outros, eu considerava fantasioso seu relato: eles tinham visto os Niol-Niol (oeste e norte da Austrália) cavalgar enormes tartarugas do mar. Pois bem, temos agora excelentes fotografias em que eles são vistos cavalgando tartarugas. Do mesmo modo, a história da prancha de madeira sobre a qual se nada foi anotada por Rattray em relação aos *Ashanti* (vol. 1). E ela também é verdadeira para os indígenas de quase todas as lagunas da Guiné, de Porto-Novo, de nossas próprias colônias.

Movimentos de força. — Empurrar, puxar, levantar. Todos sabem o que é um esforço muscular da região lombar. É uma técnica aprendida e não uma simples série de movimentos.

Lançar, arremessar no ar, em superfície etc.; a maneira de segurar nos dedos o objeto a lançar é importante e comporta grandes variações.

Segurar. Segurar com os dentes. Uso dos dedos do pé, da axila etc.

Todo esse estudo dos movimentos mecânicos já vem sendo feito. Trata-se da formação de pares mecânicos com o corpo. Todos se lembram bem da teoria de Reulaux sobre a formação desses pares. E cabe aqui recordar o nome importante de Farabeuf. Assim que me sirvo de minha mão fechada, com mais forte razão quando o homem teve em mãos “o soco-inglês chelense”, “pares” são formados.

Aqui situam-se todas as habilidades manuais, as prestidigitações, a acrobacia, o atletismo etc. Devo vos confessar que sempre tive a maior admiração pelos prestidigitadores, pelos ginastas, e não cesso de tê-la.

4) *Técnicas dos cuidados do corpo. Esfregar, lavar, ensaboar.* — Esse dossiê é quase recente. Os inventores do sabão não foram os antigos, eles não se ensaboavam. Foram os gauleses. E, por outro lado, independentemente, toda a América central e a do sul (nordeste) se ensaboavam com a madeira-do-panamá e com o pau-brasil, donde o nome desse império.

Cuidados da boca. — Técnicas do tossir e do cuspir. Eis aqui uma observação pessoal. Uma garotinha não sabia cuspir, o que agravava seus resfriados. Fui informado de que na aldeia de seu pai e particularmente na família de seu pai, no Berry [província da França], ninguém sabia cuspir. Ensinei-lhe a fazer isso. Dava-lhe uma moeda por cuspada.

Como ela queria muito ter uma bicicleta, aprendeu a cuspir. Foi a primeira da família a saber cuspir.

Higiene das necessidades naturais. — Aqui poderiam ser enumerados fatos sem conta.

5) *Técnicas do consumo. Comer.* — Todos se lembram da anedota do xá da Pérsia, contada por Höffding. Convidado por Napoleão III, o xá comia com os dedos; o imperador insiste para que ele se sirva de um garfo de ouro. “Não sabeis de que prazer vós me privais”, responde-lhe o xá.

Ausência e uso da faca. Um grande erro é cometido por Mac Gee, para quem os Seri (Ilha de Madalena, Califórnia), por não conhecerem a faca, eram os mais primitivos dos homens. Eles não têm faca para comer, só isso.

Bebida. — É muito útil ensinar as crianças a beber diretamente na fonte, na água que jorra ou em veios d’água etc., a beber com gosto.

6) *Técnicas da reprodução.* — Nada mais técnico do que as posições sexuais. Muito poucos autores têm a coragem de falar dessa questão. Devemos agradecer Krauss por ter publicado sua grande coleção de *Anthropophyteia*. Consideremos, por exemplo, a seguinte técnica de posição sexual: a mulher com as pernas suspensas pelos joelhos aos cotovelos do homem. É uma técnica *específica* de todo o Pacífico, da Austrália ao Peru, passando pelo estreito de Behring — e bastante rara noutras partes.

Há todas as técnicas dos atos sexuais normais e anormais. Toques por sexo, mistura das respirações, beijos etc. Aqui as técnicas e a moral sexuais estão em estreitas relações.

7) Há, por fim, as *técnicas de medicação, do anormal*: massagens etc. Mas deixemos de lado.

iv. Considerações gerais

Questões gerais talvez vos interessem mais do que essas longas enumerações de técnicas que apresentei. O que sobressai nitidamente delas é que em toda parte nos encontramos diante de montagens fisio-psico-sociológicas de séries de atos. Esses atos são mais ou menos habituais e mais ou menos antigos na vida do indivíduo e na história da sociedade.

Vamos mais longe: uma das razões pelas quais essas séries podem ser montadas mais facilmente no indivíduo é que elas são montadas pela autoridade social e para ela. Cabo de infantaria, eis como eu ensinava a razão do exercício em fileira cerrada. Eu proibia a marcha ordinária e a formação de filas duplas, e obrigava o esquadrão a passar entre duas das árvores do pátio. Eles marchavam colados uns aos outros, mas percebiam que a ordem que eu lhes dava não era assim tão estúpida. Há em todo o conjunto da vida em grupo uma espécie de educação dos movimentos em fileira cerrada.

Em toda sociedade, todos sabem e devem saber e aprender o que devem fazer em todas as condições. Naturalmente, a vida social não é isenta de estupidez e de anormalidades. O erro pode ser um princípio. Só recentemente a marinha francesa passou a ensinar seus marujos a nadar. Mas o princípio é este: exemplo e ordem. Há portanto uma forte causa sociológica em todos esses fatos. Espero que concordeis comigo.

Por outro lado, já que se trata de movimentos do corpo, tudo supõe um enorme aparelho biológico, fisiológico. Qual a espessura da roda de engrenagem psicológica? Digo propositalmente roda de engrenagem. Um seguidor de Comte diria que não há intervalo entre o social e o biológico. O que posso vos dizer é que vejo aqui os fatos psicológicos como engrenagens e que não os vejo como causas, exceto nos momentos de criação ou de reforma. Os casos de invenção, de posição de princípios, são raros. Os casos de adaptação são de natureza psicológica individual.

Mas geralmente são comandados pela educação, e no mínimo pelas circunstâncias da vida em comum, do convívio.

Por outro lado, há duas importantes questões na ordem do dia da psicologia — a da capacidade individual, da orientação técnica, e a da característica, da biotipologia — que podem contribuir para o breve levantamento que acabamos de fazer. Em minha opinião, os grandes progressos da psicologia, nos últimos tempos, não foram feitos na área das chamadas faculdades da psicologia, mas sim em psicotécnica, e em análise dos “todos” psíquicos.

Aqui o etnólogo depara com as grandes questões das possibilidades psíquicas dessa e daquela raça, dessa e daquela biologia desse e daquele povo. São questões fundamentais. Mas penso que aqui também estamos diante de fenômenos biológico-sociológicos. Creio que a educação fundamental das técnicas que vimos consiste em fazer adaptar o corpo a seu uso. Por exemplo, as grandes provas de estoicismo etc., que constituem a iniciação na maior parte da humanidade, têm por finalidade ensinar o sangue-frio, a resistência, a seriedade, a presença de espírito, a dignidade etc. A principal utilidade que vejo em meu alpinismo de outrora foi essa educação de meu sangue-frio, que me permitia dormir em pé num degrau à beira do abismo.

Creio que essa noção de educação das raças que se selecionam em vista de um rendimento determinado é um dos momentos fundamentais da própria história: educação da visão, educação da marcha — subir, descer, correr. É, em particular, na educação do sangue-frio que ela consiste. E este é, antes de tudo, um mecanismo de retardamento, de inibição de movimentos desordenados; esse retardamento permite, a seguir, uma resposta coordenada de movimentos coordenados, que partem então na direção do alvo escolhido. Essa resistência à perturbação invasora é fundamental na vida social e mental. Ela separa entre si, ela classifica mesmo as sociedades ditas primitivas: conforme as reações são mais ou menos brutais, irrefletidas, inconscientes, ou, ao contrário, isoladas, precisas, comandadas por uma consciência clara.

É graças à sociedade que há uma intervenção da consciência. Não é graças à inconsciência que há uma intervenção da sociedade. É graças à sociedade que há segurança e presteza nos movimentos, domínio do consciente sobre a emoção e o inconsciente. É graças à razão que a marinha francesa obrigará seus marujos a aprender a nadar.

Daí passaríamos facilmente a problemas bem mais filosóficos.

Não sei se prestastes atenção ao que nosso amigo Granet já indicou a partir de suas pesquisas sobre as técnicas do taoísmo, técnicas do corpo, da respiração, em particular. Fiz suficientes estudos nos textos sânscritos do Ioga para saber que os mesmos fatos se verificam na Índia. No meu entender, no fundo de todos os nossos estados místicos há técnicas do corpo que não foram estudadas, e que foram perfeitamente estudadas pela China e pela Índia desde épocas muito remotas. Esse estudo sócio-psico-biológico da mística deve ser feito. Penso que há necessariamente meios biológicos de entrar em “comunicação com o Deus”. E, embora a técnica da respiração etc., seja o ponto de vista fundamental apenas na Índia e na China, creio, enfim, que ela é bem mais difundida de um modo geral. Em todo caso, temos sobre esse ponto meios de compreender um grande número de fatos até aqui não compreendidos. Penso também que todas as descobertas recentes em reflexoterapia merecem nossa atenção, a atenção dos sociólogos, depois da dos biólogos e psicólogos... bem mais competentes que nós.